

OS DOIS CAMINHOS E O LIVRE ARBÍTRIO

Os dois caminhos. Deus falou ao seu povo: «*Vede: proponho-vos hoje a bênção ou a maldição: a bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor, vosso Deus, que hoje vos prescrevo; a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor, vosso Deus, e vos afastardes do caminho que hoje vos indico, para seguides deuses estrangeiros que não conheceis*» (Dt 11,26-32).

O próprio Jesus, falou dos dois caminhos: «*Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram!*». E exortava: «*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita*» (Mt 7, 13-14; Lc 13,23-24).

A vontade de Deus é que todos conheçam a verdade e cheguem a salvação (Cf 1Tm 2,4). Deus não nega a ninguém a salvação. É o homem que pode recusá-la porque gostaria de a receber sem esforços, isto é, sem mudar a sua vida, sem arrepender-se do mal cometido, sem dar a devida consideração à gravidade dos seus pecados.

A resposta do homem. O homem deve tornar-se protagonista da sua própria salvação, aderindo a Deus livremente á Vontade de Deus. Não podemos estar em união com Deus sem uma verdadeira e sincera conversão. Jesus explica que «*é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições, perversidade, má fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios*» (Mc 7, 21-22). A salvação eterna não é automática, é um dom que deve ser acolhido com gratidão e «cultivado» ao longo de toda a vida terrena.

O livre arbítrio (CIC 1033): «*Não podemos estar em união com Deus se não escolhermos livremente amá-Lo. Mas não podemos amar a Deus se pecarmos gravemente contra Ele, contra o nosso próximo ou contra nós mesmos: «Quem não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia o seu irmão é um homicida: ora vós sabeis que nenhum homicida tem em si a vida eterna*» (1 Jo 3, 14-15).

O juízo particular. Cada pessoa, ao morrer, recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular, os injustos «irão à tortura eterna e os justos em vez à vida eterna» (Mt 25,46). Outras almas irão para a purificação do Purgatório, em vista da felicidade eterna do Céu (CIC 1022)

A parábola do pobre Lázaro (Lc 16,22) e a palavra de Cristo crucificado ao bom ladrão (Lc 23,43), assim como outros textos do Novo Testamento (1Cor 5, 8; Fil 1,23; Heb 9,27), falam dum destino final da alma (Mt 16,26), o qual pode ser diferente para umas e para outras. (CIC 1021)

No Diário de Santa Faustina encontramos a seguinte exortação: «*[Jesus] Diz aos pecadores que sempre estou à espera deles, escuto o seu coração para saber quando bate por Mim. Escreve que lhe falo através dos remorsos da consciência, com os fracassos e os sofrimentos, com as tempestades e os relâmpagos; falo-lhe com a voz da Igreja, e se eles tornarem vãs todas as minhas graças, começo a irar-me contra eles, abandonando-os a si mesmos e dando-lhes o que desejam*» (Diário de 1728).

Neste texto é evidente a tensão entre o amor e o perdão, mas ao mesmo tempo também o respeito de Deus pela nossa liberdade, dando-nos «o que desejamos». O nosso pecado não muda a intenção de Deus de conceder-nos a Sua misericórdia e a salvação, mas nos impede de as recebermos.